

OS SALTEADORES DO NILO

STEVEN SAYLOR

OS SALTEADORES DO NILO

Tradução de

PEDRO CARVALHO E GUERRA & RITA CARVALHO E GUERRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

I

Como qualquer jovem romano que estivesse a viver na cidade mais entusiasmante da terra – Alexandria, capital do Egito –, eu tinha uma longa lista de coisas que desejava fazer, mas participar num assalto para roubar o sarcófago dourado de Alexandre, *o Grande*, nunca havia sido uma delas.

E, no entanto, ali estava eu, numa manhã do mês a que nós, romanos, chamamos *Mainus*, a fazer precisamente isso.

Como qualquer visitante de Alexandria sabe, o túmulo do fundador da cidade encontra-se num edifício gigantesco e muito ornamentado no coração da cidade. Um friso muito alto, de um dos lados, representa os feitos do conquistador do mundo. O momento de inspiração que deu origem à própria cidade, há cerca de duzentos e quarenta anos, encontra-se vividamente representado nesse friso: Alexandre ergue-se no cimo de uma duna, olhando para a costa e para o mar mais além, enquanto os seus arquitetos, agrimensores e engenheiros fixam os olhos nele, maravilhados, empunhando os seus vários instrumentos.

Este friso enorme estava esculpido e pintado de forma tão realista que eu quase esperava que a imagem gigante do conquistador virasse de repente a cabeça e olhasse para nós enquanto passávamos, a correr, por baixo dele em direção à entrada do edifício. Não teria ficado surpreendido se o tivesse visto a erguer uma sobranceira e a perguntar num tom de voz trovejante e divino: «Por Hades, onde é que vocês pensam que vão? Porque brandem alguns espadas? E o que é que os restantes empunham: um aríete?»

Mas Alexandre manteve-se imóvel e mudo, enquanto eu e os meus companheiros passávamos por ele, apressados, e invadiamos a entrada cheia de colunas.

Nesse dia, o túmulo estava encerrado a visitantes; um portão em ferro obstruía a entrada para o vestíbulo. Eu estava entre aqueles que transportavam o ariete. Colocámo-nos em formação, perpendicularmente ao portão. Enquanto Artemon, o nosso líder, contava até três, balançámos o ariete para a frente, depois para trás, depois novamente para a frente com toda a nossa força. O portão tremeu e deformou-se com o impacto.

– Outra vez! – gritou Artemon. – Aos três! Um, dois, *três!*

Cada vez que o ariete batia contra o portão, este gemia e guinchava como se fosse uma coisa com vida. Por fim, começou a ceder. Na quarta vaga, o portão abriu de rompante. Os que carregavam o ariete recuaram para a rua e atiraram-no para o lado, enquanto a vanguarda do nosso grupo, encabeçada por Artemon, se apressava a entrar pelo portão partido. Desembainhei a espada e segui-os até ao vestíbulo. Mosaicos deslumbrantes, que celebravam a vida de Alexandre, decoravam cada superfície, desde o chão até ao teto abobadado onde uma abertura permitia que a entrada da luz do sol se disseminasse pelos milhões de pedaços de vidro e pedra coloridos.

À minha frente, vi que apenas uma mão-cheia de homens armados ofereciam resistência. Estes guardas do túmulo pareciam surpreendidos, assustados e prontos a fugir – e quem os poderia culpar? Éramos muito mais numerosos do que eles. Também pareciam demasiado velhos para estarem armados: os rostos gastos e enrugados, e as sobran celhas grisalhas.

Porque estavam ali tão poucos guardas e porque eram de tão baixo posto? Artemon tinha-nos dito que a cidade se encontrava mergulhada no caos, devastada por motins diários. Todos os soldados mais capazes tinham sido convocados pelo rei Ptolomeu para protegerem o palácio real, deixando apenas esta mão-cheia de soldados, insignificantes e fracos, a defender o Túmulo de Alexandre. Talvez o rei tenha pensado que nem a mais violenta multidão se atreveria a violar um local tão sagrado, especialmente à luz do dia. Mas Artemon tinha sido mais

esperto do que ele. «A nossa maior vantagem será o elemento surpresa», dissera-nos e parecia ter razão.

Ouvi o choque de espadas, seguido de gritos. Tinha-me voluntariado, deliberadamente, para manobrar o aríete, de forma a evitar ficar na linha da frente de uma qualquer batalha que pudesse ocorrer. Não queria ter sangue nas mãos, se o pudesse evitar. Mas seria realmente menos culpado do que os meus camaradas que seguiam à frente e que esgrimiam alegremente as suas espadas?

Talvez o leitor queira saber por que razão me encontro a participar deste ato criminoso e sacrilego. Fui levado a juntar-me a estes bandidos contra a minha vontade. Ainda assim, não me poderia ter esgueirado em determinada altura e fugido? Porque permaneci com eles? Porque continuei a seguir as ordens de Artemon? Fi-lo devido ao medo, à lealdade mal atribuída ou à simples ganância por uma parte do ouro que nos fora prometido a todos?

Não. Fiz o que fiz por *ela* – pela saúde daquela escrava maluca que, não sei como, conseguira ser raptada por estes bandidos.

Que tipo de romano se rebaixaria à prática de um comportamento criminoso por causa de uma rapariga e, ainda para mais, uma escrava? O ofuscante sol egípcio deve ter-me deixado louco, para que eu me colocasse em tal posição!

Enquanto avançava pelo vestíbulo, em direção ao corredor largo que levava ao sarcófago, apercebi-me de que estava a sussurrar o nome dela: «Bethesda!» Estaria ela bem e ilesa? Será que a voltaria a ver?

Escorreguei numa poça de sangue. Enquanto abanava os braços para me equilibrar, olhei para baixo e vi a cara pálida de um guarda caído. Os seus olhos sem vida estavam bem abertos e a sua boca esboçava uma careta. O pobre velhote podia ter sido o avô de alguém!

Um dos meus companheiros ajudou-me a recuperar o equilíbrio. «Tolo descuidado!», pensei. «Podias ter partido o pescoço! Podias ter caído sobre a tua própria espada! O que aconteceria então a Bethesda?»

Ouvi os sons de uma outra batalha à nossa frente, mas a sua duração foi breve. Quando cheguei à câmara, apenas um guarda se encontrava de pé e, enquanto eu observava, Artemon esfaqueou-o na barriga. O pobre desgraçado desabou sem vida no duro chão de granito.

A espada caiu ao seu lado com estrondo e, em seguida, o silêncio abateu-se sobre a sala cheia de gente.

As lâmpadas colocadas em nichos nas paredes eram a única fonte de iluminação. Embora no exterior brilhasse a luz do dia, ali tudo eram sombras e luz fraca. À nossa frente, erguido sobre um estrado baixo, encontrava-se o enorme sarcófago. Na forma e no estilo, era parcialmente egípcio, como os sarcófagos angulares dos antigos faraós, e parcialmente grego, com entalhes nos lados que representavam os feitos de Alexandre – a domesticação do garanhão Bucéfalo, a entrada triunfal pelos Portões da Babilônia, a horrível batalha contra a cavalaria de elefantes dos hindus. O sarcófago reluzente, que se dizia ser feito de ouro maciço, tinha incrustadas pedras preciosas, incluindo a deslumbrante pedra verde a que chamavam esmeralda, extraída das montanhas que se encontravam no extremo sul das fronteiras do Egito. O sarcófago resplandecia na luz trêmula das lâmpadas, um objeto cujo esplendor era de cortar a respiração e cujo valor era incalculável.

– Então, o que pensas disto?

Tremi, como se tivesse sido acordado de um sonho. Artemon encontrava-se a meu lado. Os seus olhos claros brilhavam e os seus belos traços pareciam brilhar na luz avermelhada.

– É magnífico – sussurrei. – Mais magnífico do que tinha imaginado.

Artemon abriu um sorriso rasgado, mostrando uns dentes brancos perfeitos e, depois, ergueu a voz.

– Ouviram isto, homens? Até o nosso camarada romano está impressionado! E o Pecúnio – era esse o nome pelo qual ele me conhecia – não se impressiona facilmente, pois não visitou ele as Sete Maravilhas do Mundo como nunca se cansa de nos dizer? O que dizes, Pecúnio, será este sarcófago semelhante a essas Maravilhas?

– Será realmente feito de ouro maciço? – murmurei. – Deve pesar imenso!

– No entanto, temos os meios necessários para o deslocar.

Enquanto Artemon falava, alguns dos homens traziam guinchos, roldanas, rolos de corda e calços de madeira. Outro grupo surgiu vindo

do vestibulo, empurrando uma robusta carroça através do corredor amplo. A carroça estava carregada com um caixote com tampa em madeira concebido especialmente para a nossa carga. Artemon tinha pensado em tudo. De súbito, parecia-se com o jovem Alexandre representado no friso do edifício, um visionário rodeado por arquitetos e engenheiros que o adoravam. Artemon sabia o que queria e tinha um plano para o conseguir. Inspirava medo nos seus inimigos e confiança nos seus seguidores. Sabia como vergar os outros à sua vontade. Tinha sido bem-sucedido, isso era certo, em obrigar-me a fazer o que queria, contra todo o meu bom senso.

A carroça foi empurrada para o sítio certo, ao lado do estrado. A parte de cima da caixa foi levantada. O interior estava acolchoado com cobertores e palha.

Um mecanismo concebido para o efeito foi usado para remover a tampa do sarcófago.

– Devemos abrir o sarcófago? – perguntei, sentindo um arrepio de receio supersticioso.

– A tampa e o sarcófago são ambos muito pesados – disse Artemon. – Serão mais fáceis de manusear se os separarmos e os levantarmos um de cada vez.

À medida que a tampa começava a erguer-se sobre o sarcófago, ocorreu-me um pensamento.

– O que será do corpo? – perguntei.

Artemon olhou para mim de lado mas não disse nada.

– Não vais ficar com ele para pedir um resgate, pois não?

Artemon riu-se da expressão que me marcava o rosto.

– Claro que não. Os restos mortais de Alexandre serão manuseados com todo o respeito e ele será deixado aqui, onde pertence, no seu túmulo.

«Privar um cadáver mumificado do seu sarcófago dificilmente é um ato de respeito», pensei. Artemon parecia divertido com a minha desconfiança.

– Anda, Pecúneo, porque não dás uma olhadela à múmia antes de a retirarmos do sarcófago? Dizem que o estado de conservação é bastante notável.

Artemon agarrou-me no braço e, juntos, subimos para o estrado. À medida que a tampa era içada para o vagão, espreitámos os dois por sobre o topo do sarcófago.

E então aconteceu que eu, Gordiano de Roma, com vinte e dois anos de idade, na cidade de Alexandria e na companhia de assassinos e de bandidos, dei comigo cara a cara com o mais famoso dos mortais que algum dia viveu.

Para um homem que já estava morto há mais de duzentos anos, os traços do conquistador estavam espantosamente bem preservados. Tinha os olhos fechados, como se estivesse a dormir, mas as pestanas estavam intactas. Quase conseguia imaginar que pudesse pestanejar, de repente, e olhar também para mim.

– Cuidado! – gritou alguém.

Virei-me para trás para ver que tínhamos companhia – não eram soldados reais, mas sim uma mão-cheia de cidadãos normais, sem dúvida ultrajados com a profanação do monumento mais sagrado da cidade. Alguns tinham adagas. Os restantes estavam armados apenas com paus e pedras.

À medida que os homens de Artemon caíam sobre os recém-chegados, ferindo-os e repelindo-os, um dos cidadãos enraivecidos ergueu o braço e fez pontaria para mim. Vi uma pedra afiada a voar na minha direção.

Artemon agarrou-me o braço e puxou-me bruscamente para o lado, mas era demasiado tarde. Senti um forte golpe na cabeça. O mundo virou-se de pernas para o ar, enquanto eu caía do estrado para a carroça, batendo com a cabeça num canto da caixa. Cambaleante, recuei e vi sangue – o meu sangue – na madeira. Então, ficou tudo preto.

Como é que eu tinha chegado a tão triste destino?

Deixem-me contar a história.